

La guerra del fin del mundo e O pêndulo de Euclides: momentos decisivos no conjunto das narrativas canudenses

La guerra del fin del mundo and O pêndulo de Euclides: decisive moments in the set of Canudos narratives

Adenilson de Barros de Albuquerque*
Instituto Federal do Paraná

*Adenilson de Barros de Albuquerque é Professor de Língua Portuguesa e Espanhola no IFPR/campus de Umuarama, Paraná. Possui graduação em Letras Português/Espanhol e suas respectivas Literaturas pelo Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense. Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Cascavel, linha de pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. Doutorado em andamento em Letras, pela mesma instituição.

E-mail: adenilson.albuquerque@ifpr.edu.br



<http://dx.doi.org/10.13102/lm.v%09vi%i.4544>



Resumo: Em uma gama de produções romanescas, história, memória e ficção se entrelaçam, contribuindo para as mais diferentes demonstrações e interpretações possibilitadas pela compreensão de que toda e qualquer recriação escrita do passado constitui-se em discurso. Dentre os romances canudenses, *La guerra del fin del mundo* (1981) de Mario Vargas Llosa e *O pêndulo de Euclides* (2009) de Aleilton Fonseca expõem, de modos distintos, a realidade nordestina representada pelo sistema cultural, social, político e religioso de Canudos, em face de uma pretensa oficialidade ou homogeneidade brasileiras. Estes dois romances, de certa forma, obedecem a uma evolução no sentido de se compreender, avaliar e aceitar as diferenças de uma parte híbrida – o sertão nordestino – diante de um universo maior.

Palavras-chave: Literatura comparada; Guerra de Canudos; Romance histórico.

Abstract: In a wide range of novelistic productions, history, memory and fiction intermingle, contributing for different demonstrations and interpretations allowed by the comprehension that all written recreation of the past constitutes a discourse. Among the novels about the Canudos campaign, *La guerra del fin del mundo* (1981) by Mario Vargas Llosa and *O pêndulo de Euclides* (2009) by Aleilton Fonseca expose in different ways the northeastern reality represented by the cultural, social, political and religious systems of Canudos, in face of a supposed Brazilian officiality or homogeneity. These two novels seem to be part of an evolution in the comprehension, evaluation and acceptance of the differences in a hybrid part – the northeastern backlands – before a larger universe.

Keywords: Compared Literature; Canudos War; Historical novel.

Recebido em dezembro de 2018
Aprovado em março de 2019

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. *La guerra del fin del mundo*(1981) e *Pêndulo de Euclides* (2009): momentos decisivos no conjunto das narrativas canudenses. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 09, v. 1, p. 119-123, 2018.

Os romances aqui apresentados compartilham do mesmo tema central: os eventos ocorridos entre 1896 e 1897, conhecidos como Guerra de Canudos, estendendo diversas discussões a âmbitos que transcendem os conflitos bélicos da própria guerra. Publicados entre 1898 – ano do surgimento de *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos – e 2013 – ano em que vem à tona o último livro de que temos notícia, *A guerra da intriga* (ou de *Canudos*), de Tarcísio Borges –, elegemos, para este artigo, salientar os dois por nós considerados os mais importantes: *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca.

A obra mais disseminada, e talvez a grande influenciadora de todas as outras subsequentes a sua publicação, é *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Este texto, revelador de uma face do Brasil em grande medida desconhecida para a “civilização” litorânea da época, não pode ser classificado simplesmente como histórico. Sua pluralidade de abordagens, entre outras características que extrapolam qualquer redução, apresenta muito de geografia, biologia, botânica, topografia, religião, política, sociologia e criação literária. Esta heterogeneidade avultante não passa despercebida no seu processo de leitura. Até hoje ela instiga interpretações e reinterpretações relativas à Guerra de Canudos.

Outras duas obras, cronologicamente próximas à publicação de *Os sertões* – porém sem o mesmo destaque e relevância desta –, são: *O rei dos jagunços* (1899), de Manoel Benício; e *Accidentes da guerra* (1905), de Egmydio Dantas Barreto. Conforme Thomas Beebe (2007, p. 3), elas são, junto com o livro de Afonso Arinos, os “[...] primeiros ‘factions’ a tratar o assunto de Canudos. [...] estes autores evitaram os gêneros (relativamente) ‘puros’ da Reportagem e da História, recorrendo em compensação a um gênero misto que acrescenta à suposta veracidade a imaginação”.

Após essas quatro primeiras publicações, direcionadas a apresentar versões explicativas e interpretativas sobre os conflitos entre as forças armadas republicanas e os seguidores de Antônio Conselheiro, passa-se um período relativamente longo até virem a público as seguintes narrativas híbridas que se apresentam no limiar entre a ficção e a história: *A aldeia sagrada* (1953), de Francisco Marins; *Capitão Jagunço* (1958), de Paulo Dantas; e *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos.

Contudo, por coincidência ou influência propriamente dita, é somente a partir de *La guerra del fin del mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa, que surge, no Brasil, uma quantidade realmente expressiva de textos histórico-ficcionais dedicados à temática canudense. Outros romances sobre a mesma temática, publicados por autores estrangeiros, não lograram a repercussão e o prestígio do texto de Vargas Llosa. Isso ocorre, por exemplo, com *A Brazilian mistic* (1919), de R. B. Cunningham Graham; *Le mage du sertão* (1952), de Lucien Marchal; *Ítélet Canudosban* (1970), de Sándor Márai; e *A primeira veste* (1975), de Guram Dochanashvili. Longe da pretensão totalizante e perigosa de apresentar uma lista definitiva de títulos posteriores ao *La guerra del fin del mundo*, é possível mencionarmos os seguintes títulos sob a denominação de narrativas canudenses: *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga; *Canudos: libelo de um massacre* (1990), de Oswaldo Profeta; *As meninas do Belo Monte* (1993), de Júlio José Chiavenato; *Cidadela de Deus – a saga de Canudos* (1996), de Gilberto Martins; *Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano* (1997), de Ayrton Marcondes; *O sertão vai virar mar* (2002), de Moacyr Scliar; *Canudos: a quinta expedição* (2002), de Oleone Coelho Fontes; *O pacificador* (2004), de João Berbel; *Canudos além d’Os sertões* (2004), de José Erenilson da Silva; *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), de Angela Gutiérrez; *A ressurreição de Antônio Conselheiro e a de seus 12 apóstolos* (2007), de Moacir Lopes; *Antônio conselheiro – nem santo nem pecador* (2009), de Marcelo Biar;

O pêndulo de Euclides (2009), de Aleilton Fonseca; e A guerra da intriga (ou de Canudos) (2013), de Tarcísio Borges.

Os romances canudenses podem ser lidos e analisados, em maior ou menor medida, como instigadores de novos olhares para um evento que, até os dias atuais, permanece contraditório e obscuro quanto as suas causas e consequências. Os motivos e as condições da guerra ainda são assuntos controversos e, pela quantidade de abordagens que os representam, inacabados. Dessa forma, parece não haver dúvidas de que a liberdade ficcional, a serviço da (re)escrita da história, torna-se uma boa ferramenta para sugerir múltiplas leituras e não deixar que uma só “verdade” paire sobre a Guerra de Canudos. Em uma gama de produções romanescas, história, memória e ficção se entrelaçam, contribuindo às mais diferentes demonstrações e interpretações possibilitadas pela compreensão de que toda e qualquer recriação escrita do passado constitui-se em discurso.

Em *La guerra del fin del mundo* (1981) e *n’O pêndulo de Euclides* (2009), entendemos que, pela distância temporal, conceitual e histórica dessas narrativas, a realidade nordestina representada pelo sistema cultural, social, político e religioso de Canudos em face de uma pretensa oficialidade ou homogeneidade brasileiras, é exposta de modos distintos. Estes dois romances, de certa forma, obedecem a uma evolução no sentido de se compreender, avaliar e aceitar as diferenças de uma parte híbrida – o sertão nordestino – diante de um universo maior. Este último, entendido por termos representativos, de formações não menos híbridas, como Brasil ou América Latina, para mencionar apenas dois exemplos.

O contexto latino-americano contempla múltiplas culturas as quais representam resultados de encontros que foram se estabelecendo desde a chegada de espanhóis e portugueses ao continente. Sua grande extensão territorial culminou na divisão de regiões que nem sempre concordaram umas com outras em termos políticos, sociais, econômicos e mesmo culturais. Assim, muitas confrontações aconteceram e ainda acontecem nesse espaço. Apesar de não ser difícil de aceitarmos a ideia de que a América Latina é o resultado de múltiplas heranças, o diálogo entre suas ramificações continua complicado em muitos lugares. As narrativas canudenses a serem analisadas aqui são exemplares sobre uma parte desses conflitos.

Enquanto *Os sertões* (1902), sob uma ótica marcada pela surpresa do achado de uma cultura diferenciada e por soluções cientificistas, apresenta o contraste entre dois “Brasis” desconhecidos até o momento da explosão da Guerra de Canudos, *La guerra del fin del mundo* (1981) busca incluir todas as partes possíveis envolvidas no conflito. A obra de Vargas Llosa elabora, alegoricamente, uma leitura “totalizante” das condições inexoráveis dos seres humanos, sobretudo, das relações e das características que eles protagonizam no contexto latino-americano.

Já *O pêndulo de Euclides* (2009) demonstra aspectos da Guerra de Canudos numa avaliação lúcida, permitida pelo distanciamento histórico. Ao mesmo tempo, a obra de Fonseca retrata a realidade atual da região de Canudos, sob o pretexto de encontrar explicações, até então desconhecidas, para mudanças importantes no posicionamento crítico de Euclides da Cunha quando se compara seus artigos como correspondente de guerra e sua obra fundamental *Os sertões*.

N’O pêndulo de Euclides, figuras emblemáticas da região – como dona Elza, Estêvo de Madá e seu Ozébio –, ao interagirem com visitantes cultos como o narrador personagem, as personagens poeta Alex e o professor francês Dominique, parecem representar o contato amigável e interessante de mundos culturais diferentes, dispostos a se conhecerem e se enriquecerem numa troca mútua de revelações na contemporaneidade.

Os dois romances comparados aqui, portanto, num diálogo inevitável com o texto euclidiano como todos os outros textos subsequentes sobre a temática canudense, propõem leituras que ultrapassam os limites bélicos da guerra. Apresentam peculiaridades das partes envolvidas e o “desejo”, parece correto afirmarmos, de que dois mundos aparentemente díspares se conheçam e se transformem por meio da universalidade de suas particularidades.

A escrita do romance *La guerra del fin del mundo* (1981) obedece a um distanciamento histórico considerável em relação ao término da Guerra de Canudos (1897) e à primeira edição de *Os sertões* (1902). O que inicialmente seria um roteiro de filme, elaborado em parceria com o cineasta Ruy Guerra, a pedido da Paramount, em 1972, ganha consistências com o passar dos anos e das pesquisas feitas até se tornar, talvez, a melhor narrativa de Vargas Llosa.

O filme não se realizou. Conforme declara Vargas Llosa, em entrevista a Ricardo Setti (1986, p. 40), foi uma decepção para Ruy Guerra. Contudo, para o autor peruano surgiu a possibilidade de continuar trabalhando em algo que lhe chamara muito a atenção e, ao mesmo tempo, tinha na escrita do roteiro um resultado muito limitado. Já com o projeto de escrever o romance, Vargas Llosa afirma o seguinte: “[...] continuei lendo e me documentando, e realmente cheguei a me apaixonar de uma forma como poucas vezes me ocorreu com um livro”. (SETTI, 1986, p. 40).

Escrever um romance com a magnitude do *La guerra del fin del mundo* era um desejo que Vargas Llosa já havia externado no ano de 1969 a Günter Lorenz (1973, p. 160), quando afirmava sua admiração por “narrativas totais” como Guerra e Paz.

Essa ambição peculiar de escrita torna-se possível a Vargas Llosa após a leitura de *Os sertões*, pois o romancista a classifica como: “[...] uma das grandes experiências da minha vida de leitor. Foi como ter lido, quando garoto, *Os três Mosqueteiros*, ou, já adulto, *Guerra e Paz*, *Madame Bovary* ou *Moby Dick*” (SETTI, 1986, p. 39). O clássico de Euclides da Cunha, segundo Vargas Llosa, é um dos

[...] grandes livros que se escreveram na América Latina. [...] Creio que ele vale por muitas coisas, mas sobretudo porque é como um manual de latino-americanismo, quer dizer, neste livro se descobre primeiro o que *não* é a América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas – e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado, convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E tudo isso resultou algo que muito poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário. (SETTI, 1986, p. 39).

Podemos notar no trecho acima a perspicácia de um escritor estudioso e observador do processo de construção cultural da América Latina. Por um longo período, desde os primeiros encontros entre europeus e os nativos do Novo Mundo, buscou-se forjar uma América sob as coordenadas estrangeiras. Atribuíam características completamente destoantes a um povo que se formava sob o signo da diversidade, num encontro transformador de culturas (USLAR PIETRI, 1990).

Assim, *Os sertões* representou para Vargas Llosa essa leitura “ao contrário” de um continente oficialmente forjado a partir de pressupostos questionáveis. Verificar no texto euclidiano aspectos da “América real”, com seus problemas e contradições, apresenta-se como forte incentivo para a escrita de *La guerra del fin del mundo*, um romance que podemos considerar, também, um manual de latino-americanismo.

Mesmo sendo notória a disparidade metodológica e conceitual presentes nesses dois escritores envolvidos numa temática comum, um e outro legaram contribuições

importantes para que se justificasse a acertada avaliação do autor peruano ao enxergar n'Os sertões um ponto de partida fundamental para interpretações relevantes sobre a América Latina. Assim, cada um à sua maneira, oferecem bases de leitura relacionadas a muitos aspectos da história do continente.

A pesquisa empreendida por Vargas Llosa, para escrever *La guerra del fin del mundo*, durou quatro anos entre leituras e uma visita de três meses, in loco, aos sertões percorridos por Antônio Conselheiro. Essa visita foi fundamental para solucionar uma questão que o autor peruano não conseguia entender mesmo com a leitura de “tudo” o que se havia escrito sobre Canudos até então. Não entendia o que o Conselheiro havia dado aos sertanejos para que eles se comportassem de maneira tão radical na Guerra de Canudos. Obteve suas respostas ao deparar-se com a memória viva e “magnificada” das pessoas simples, ligadas direta ou indiretamente ao massacre de Canudos.

O romance *O pêndulo de Euclides* (2009) expõe, por outro lado, as características históricas atuais da região e dos habitantes de Canudos à procura de respostas para um assunto que ainda não está encerrado. Em entrevista a rádio UNESP – disponível no blog aleilton.blogspot.com –, Aleilton Fonseca afirma haver “[...] certos vazios que a história não registra e que só a ficção pode dar conta”. Perguntado sobre a lacuna histórica que o mobilizou mais para a escrita do romance, explica ter sido “[...] o enigma de Euclides da Cunha. Quando exatamente, em que momento de sua vida, ele tomou aquele choque de significados e começou a mudar de posição”. O enigma a que se refere Fonseca pode ser verificado se comparados, por exemplo, um trecho do artigo “A nossa Vendaia” com a nota preliminar d’Os sertões (1987). No primeiro, Euclides da Cunha se refere às “hostes fanáticas do Conselheiro” e aos soldados da República talvez não percebidos “[...] através das matas impenetráveis, coleando pelos fundos dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas tristes por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação”. Na segunda, o mesmo autor escreve que a Guerra de Canudos “[...] foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”.

Tendo em conta dois posicionamentos díspares, separados claramente pela visita de Euclides da Cunha ao campo de batalha pouco antes do término dos conflitos, uma certeza e um questionamento se evidenciam: a primeira é constatada na leitura d’Os sertões, em que há um discurso diferente do exposto em “A nossa Vendaia” e daí surge a questão: qual foi o motivo que levou o escritor a uma reviravolta conceitual a ponto de transformar a bravura e a abnegação dos soldados da República em uma ação criminosa? Desse questionamento do romancista vem à tona a lacuna histórica a qual se referiu na entrevista e para a qual busca, ficcionalmente, uma forma de desvendá-la na escrita d’O pêndulo de Euclides.

O momento e as causas de tal reviravolta permaneceriam totalmente desconhecidos se não fosse a possibilidade de reler a história pela ficção. Contudo, a hipótese explicativa a respeito do movimento pendular entre uma postura e outra em *Euclides da Cunha*, não é o único vazio histórico representado na narrativa de Fonseca. Mais do que isso, é possível depreender um importante encontro amigável entre mundos por muito tempo “separados”, principalmente, devido a posturas políticas, sociais e culturais carregadas de preconceitos. Assim, de um lado estão personagens relacionadas a uma cultura acadêmica, letrada, e, de outro, figuras representativas da região onde ocorreu a Guerra de Canudos. Para o poeta Luís A. Cajazeira Ramos, em texto exposto na orelha d’O pêndulo de Euclides: “[...] A Guerra de Canudos continua. A luta do sertão ainda sangra. O sertanejo ainda é um forte. Nada está encerrado e pacificado. A escritura da guerra não está completa. Não sem antes ouvirmos o que tem a dizer Aleilton Fonseca. Não sem pararmos para escutar a voz que vem dos sertões.”

Os conhecimentos de um narrador personagem letrado, somados às contribuições das personagens Alex e Dominique, encontram no acolhimento e nas revelações de personagens como dona Elza e seu Ozébio as vozes do sertão. Estas, muitas vezes obscurecidas, deturpadas ou silenciadas para dar vazão a “oficialidades”, “cientificismos” e “imparcialidades” de estudos que pretendem explicar um mundo repleto de significações. Revelando-se uma narrativa híbrida entre as constantes e inacabadas facetas de romances históricos “[...] à disposição dos romancistas interessados em reler o passado, sob perspectivas que ora se irmanam e ora se enfrentam com o discurso histórico já registrado” (FLECK, 2008, p. 88), O pêndulo de Euclides sugere, mais que uma leitura, uma viagem aos sertões.

Numa visão geral relativa à produção ficcional de Aleilton Fonseca, Ribeiro (2009, p. 298) afirma que ela:

[...] nos reconduz, com firmeza, mas também com delicadeza, a ele mesmo, paradigma dos seus personagens: aquele que, numa relação de profunda honestidade com a vida, vivencia profundamente suas dores, suas perdas e seus encontros, em busca de uma transcendência que só é verdadeiramente compreendida no confronto com o sofrimento e com a morte. Não necessariamente a morte física, mas também a morte simbólica, elemento fundamental dos ritos de passagem.

NºO pêndulo de Euclides, notamos um narrador, em grande medida, identificado com o autor Aleilton Fonseca. Os dois apresentam-se como intelectuais interessados em desvendar mistérios da temática canudense, viajaram ao lugar dos conflitos, construindo suas impressões e seus aprendizados. É possível mesmo identificar um autor paradigma de uma personagem que, em contado com as vozes do sertão, vivencia um rito de passagem no qual velhos conceitos desaparecem e novas leituras são levantadas.

Não queremos apresentar o romance O pêndulo de Euclides como uma autoficção no sentido de uma trajetória da vida do autor permeada de situações ficcionais. Contudo, quando nos deparamos com entrevistas de Aleilton Fonseca nas quais ele externa seu apego desde a infância à literatura, sua admiração pelo livro *Os sertões* (1902) e revela aspectos de sua carreira profissional (professor universitário, poeta, ensaísta, ficcionista e membro da Academia de Letras da Bahia), podemos identificar alguns desses traços no enredo da sua narrativa canudense. Notamos essas similaridades em trechos como: “Aos doze anos ganhei de meus pais uma coleção de dicionários” (FONSECA, 2009, p. 15); “Meu sonho era escrever um livro. Eu queria fazer um ensaio, uma entrevista, ou mesmo um romance, em que uma voz sertaneja narrasse os eventos da guerra” (FONSECA, 2009, p. 14); “Eu vim aqui trazer esse professor, um amigo da capital, que queria perguntar umas coisas ao senhor – explicou o guia, todo jeitoso” (FONSECA, 2009, p. 40). Não é nosso objetivo buscar comprovações que garantam a fidelidade recíproca de informações biográficas e literárias. Afinal, seria incorrer numa vereda de pouca relevância. O que parece interessante, sim, no que concerne às aproximações do discurso autobiográfico com o ficcional é a hibridização que, segundo Santiago (2008), essas modalidades oferecem para admitir outras perspectivas, outras facetas do fazer literário.

O pêndulo de Euclides revela-se como uma narrativa em que as verdades das mentiras (VARGAS LLOSA, 2007) ajudam a compor representatividades válidas independente das modalidades do discurso. É exatamente o encontro híbrido das formas de narrar que explicitam – em detrimento de radicalismos que ainda buscam diferenciar, sob bases rígidas, a escrita objetiva da subjetiva – a relatividade das expressões e interpretações do “real”. Conforme Olivieri-Goded (2010, p. 99), em contato com a obra de Aleilton Fonseca, “[...] nós, leitores ‘pós-modernos’, redescobrimos encantados que o

mundo é plural, a realidade é múltipla e que um outro modo de olhar o mundo é capaz de nos fazer enxergar qualidades e valores do ser humano que se fazem cada vez mais raros no nosso cotidiano de simulacros de emoções.”

O olhar para as qualidades e valores do ser humano em Aleilton Fonseca se dá, em grande medida, a partir das histórias vivenciadas e contadas por muitas de suas personagens como podemos depreender, por exemplo, no conto “Jaú dos bois” (2001). Neste texto, o narrador/personagem se depara com boas lições a partir do que passa a conhecer sobre a personagem homônima ao título. Para Santos (2001, p. 114), no livro de contos *O desterro dos mortos* (2001):

O escritor baiano Aleilton Fonseca aproxima-se do narrador clássico, segundo a caracterização que fez dele Walter Benjamin [...]. Em geral, seus contos são relatos de vivências poderosamente nossas e ao mesmo tempo universais, porque falam dos mistérios da vida e da morte, e é isso que eleva a nossa alma e nos faz pensar na necessidade de intercambiar experiências e ouvir conselhos. [...] Tudo isso passa por um processo de depuração, e, sem perder sua autenticidade, a inspiração é submetida a um tratamento refinado, guiado por disciplina e vigorosa consciência estética e literária.

Podemos também ler *O pêndulo de Euclides* como um romance cujas narrativas expostas não estão de acordo com os pressupostos que anunciam a morte do narrador, ou melhor, das histórias narradas como base para se entender experiências fundamentais. Para Benjamin (1994, p. 197) “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Na ficção desenvolvida por Fonseca, contudo, o intercâmbio de vivências está presente de modo destacado e o que projeta “[...] no seu universo ficcional é uma visão complexa, pluridimensional do ser humano”. (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 99). Nesta linha de escrita, *O pêndulo de Euclides* apresenta-se como a sugestão do encontro de mundos e de histórias para a (re)significação de uma temática.

Olhares para particularidades da cultura do sertão nordestino brasileiro, a partir do evento emblemático da Guerra de Canudos, estão representados na literatura nacional e estrangeira. Se encararmos esta última para além das convenções linguísticas e territoriais, parece não haver desatino em atribuir às narrativas canudenses aqui evidenciadas um distanciamento sociocultural de seus autores em relação aos aspectos gerais da região da guerra. Tomemos como exemplos *Euclides da Cunha*, *Mario Vargas Llosa* e *Aleilton Fonseca*. *O sertão* apresenta-se como terra ignota aos três escritores que, por diferentes épocas, e, de certa maneira pelo mesmo motivo – produzir narrativas –, conheceram os lugares por onde caminhou Antônio Conselheiro.

As surpresas da viagem feita por *Euclides da Cunha* como jornalista culminou n’*Os sertões* (1902), obra fundamental para *Vargas Llosa* e *Fonseca* os quais, em contato com a leitura de outros documentos desenvolvidos no decorrer dos anos, também viajaram ao interior da Bahia antes de publicarem, respectivamente, *La guerra del fin del mundo* (1981) e *O pêndulo de Euclides* (2009). Cada um ao seu modo, os três escritores revelam as características do estrangeiro, “[...] capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. [...] Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são” (PEIXOTO, 1998, p. 363).

Não compreendamos aqui, entretanto, os textos produzidos por esses autores como puros, fieis ou reveladores de uma totalidade contextual apreendida em leituras ou visitas esporádicas. As características de uma sociedade “tal como elas são”, aparecem segundo o olhar do estrangeiro no sentido de atribuir relevância a conceitos e costumes que, por estarem arraigados nas práticas cotidianas, muitas vezes não têm a necessidade de serem

sistematizados, em toda sua magnitude, no discurso dos representantes genuínos de uma comunidade. A partir do “olhar de fora”, elementos culturais são evidenciados ao passo que vêm à tona as maneiras como, numa sociedade, “[...] os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros” (BARROS, 2004, p. 77).

Em *La guerra del fin del mundo*, por exemplo, características do sertão estão representadas na solidariedade entre os conselheiristas nos tempos de paz e de guerra. Ajudavam-se uns aos outros no cultivo da terra, na construção das casas. Planejavam e executavam, juntos, a defesa de Belo Monte, uma comunidade pacífica onde mesmo personagens como o Anão, Jurema e o jornalista míope foram aceitos. Estes se encontravam acidentalmente em Canudos e não pela fé em Antônio Conselheiro. Só eram hostilizados no arraial os que revelassem simpatia aos pressupostos republicanos.

N’O pêndulo de Euclides, as narrativas de figuras representativas da região como as personagens Estêvo de Madá, o responsável pelo Memorial Antônio Conselheiro, dona Elza e seu Ozébio, somadas à exposição dos quatro “fogos da guerra” a partir do ponto de vista de uma voz conselheirista, aproximam a história assentada nos livros à memória local. Destacam-se as peculiaridades da feira, os eventos religiosos, aspectos da culinária, atividades de lazer praticadas atualmente, posturas particulares sobre a Guerra de Canudos, entre outras vertentes da tradição popular como a poesia de cordel e os cantadores. Surgem novas perspectivas para a releitura do passado.

A curiosidade e as expectativas para a visita às particularidades culturais dos sertões, contudo, para os autores das narrativas canudenses, precisaram de motivações bélicas, ao contrário de suscitadas pelas idiosincrasias dos habitantes locais ou pelas facetas da paisagem. Os conflitos obedecem a verdades e repercussões distintas e as interpretações para um evento como foi a Guerra de Canudos buscam, também, nos lados envolvidos, justificativas para ações desencadeadoras de mortes.

Euclides da Cunha, embasado na tradição do discurso científico do século XIX, considera o nordestino forte “[...] na medida em que se insere num meio inóspito ao florescimento da civilização europeia” (ORTIZ, 2005, p. 18). Entretanto, sua abordagem “realista” e o olhar para um mundo até então à margem, torna-se referência fundamental para os estudos posteriores sobre o sertão nordestino. Além de denunciar um ataque oficial sobre uma população que não teve direito a voz – sendo sua defesa as armas e, principalmente, o conhecimento detalhado das condições do lugar –, Euclides da Cunha reclama, para os sertanejos, “[...] direta e indiretamente o sentido de cidadania que lhes era devido” (TELES, 2009, p. 145). A partir d’Os sertões, “[...] livro-síntese [que representa] o fim de um era literária e o começo dos estudos científicos sobre o Brasil” (TELES, 2009, p. 147), uma variedade de discursos, também sob os signos da arte, vem à tona.

Os romances de Vargas Llosa e Fonseca estão entre as narrativas canudenses que tiveram n’Os sertões base primordial para o desenvolvimento de seus enredos. O distanciamento temporal em relação ao texto euclidiano, o estudo aprofundado sobre uma quantidade relevante de produções relativas à Guerra de Canudos, além da visita ao local do conflito, somaram-se aos conhecimentos e às perspectivas ideológicas dos dois autores aqui enfocados. A influência d’Os sertões é reconhecida, contudo, os direcionamentos propostos por Vargas Llosa e Fonseca oferecem novos olhares para as questões do sertão, sob muitos aspectos metonímia da pluralidade do Brasil e da América Latina. Na releitura destes dois autores, interpretações e posicionamentos são delineados num diálogo culturalmente híbrido em que o retorno e o destaque de uma temática proporcionaram, ao

mesmo tempo, a continuidade viva de uma história e, a partir dela, o (re)pensar sobre questões do passado e do presente.

Encontramos em *La guerra del fin del mundo* a representação de eventos e personagens numa gama considerável de focos discursivos. Isso faz com que encaremos esta narrativa como uma proposta textual em que se evidenciam as muitas partes envolvidas na Guerra de Canudos sem, contudo, privilegiar as particularidades de uma voz em detrimento de outras. As características do sertão e da comunidade que se formou em torno da personagem Antônio Conselheiro, são expostas numa busca de representação tanto das mazelas como das virtudes daquela gente. O mesmo ocorre em outros planos em que se discorre sobre políticos, fazendeiros, religiosos, jornalistas e demais envolvidos na estrutura do enredo. A multiplicidade de perspectivas permite ao leitor se inteirar de possibilidades interpretativas diversas, fazendo, assim, com que se reafirme a impossibilidade de acesso a uma só verdade histórica: estratégias desenvolvidas pelos novos romances históricos e as metaficcões historiográficas (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993; HUTCHEON, 1991).

N^o pêndulo de Euclides, a possibilidade da interpretação unívoca da história também é posta em cheque. Os olhares representativos dos sertanejos canudenses e dos estudiosos da guerra que vivem noutro contexto, compõem um direcionamento em que discussões e divergências históricas são apresentadas no texto ficcional. Todavia, a abordagem mais linear na narrativa, sob o controle de um narrador letrado, permite ao leitor se inteirar, de maneira mais acessível, de uma gama considerável de veredas interpretativas da Guerra de Canudos. Na perspectiva de personagens como seu Ozébio e dos viajantes que visitam a Canudos atual, as memórias relacionadas a um mesmo evento e seus desdobramentos são destacadas, numa mediação (FLECK, 2017) em que se considera o já estabelecido nos livros e as vozes excluídas do sertão.

A preocupação em documentar-se antes de escrever o romance – aspectos que Aínsa (1991) atribui a muitos novos romances históricos – é notória tanto em Vargas Llosa como em Fonseca. O primeiro afirmou a Setti (1986, p. 41) que, “[...] quando estive na Bahia, trabalhei muitíssimo no Arquivo Histórico, lendo a imprensa da época, teses universitárias... E, finalmente, passei o último ano de trabalho em Washington”. As leituras e os estudos para domínio histórico baseado em textos referentes ao sertão e à Guerra de Canudos, além da visita à região dos conflitos, exigiram quatro anos de dedicação do autor peruano, tempo em que esses conhecimentos constituíram base à urdidura histórico-ficcional de *La guerra del fin del mundo*. Aleilton Fonseca desde muito cedo teve conhecimento sobre a significação do verbete “Canudos” e também pode ler, pela primeira vez, com as dificuldades de um leitor adolescente, *Os sertões*. Desde então, as leituras e o interesse pela temática canudense estiveram presentes na trajetória intelectual deste escritor.

Os nomes e as representações históricas de algumas personagens são, sob muitos aspectos, mantidos nos dois romances aqui em estudo. Em *La guerra del fin del mundo*, isto ocorre, por exemplo, com as personagens Antônio Conselheiro, Moreira César e os comandantes oficiais das outras três expedições militares, sem que ocorra exageros paródicos comuns em muitos novos romances históricos apontados por Aínsa (1991) ou Menton (1993). Outras personagens historicamente conhecidas, como João Abade e Beatinho, têm de modo mais acentuado a liberdade ficcional como condutora de suas histórias. Personagens como Rufino, Galileo Gall, Anão, Barão de Canabrava e o jornalista míope são ficcionais. Contudo, elas apresentam características culturais e ideológicas que as incluem como representantes de elementos direta ou indiretamente relacionados ao evento.

N'Ó pêndulo de Euclides, além do destaque e dos discursos em primeira pessoa das personagens Antônio Conselheiro, Ruy Barbosa e Euclides da Cunha, há a personificação de elementos como a História, a República o Tempo e a Circunstância. Configurações desse tipo ajudam para a compreensão histórica e para a construção da verossimilhança na narrativa. No romance de Vargas Llosa, percebemos uma heterogeneidade de vozes e maior acentuação irônica, principalmente nas personagens cujo discurso busca status de verdade irrevogável (Moreira César e Galileo Gall, por exemplo). Em Fonseca, o quadro histórico-ficcional da Guerra de Canudos e de suas leituras desenvolvidas em mais de um século, privilegia a voz do excluído da história (FLECK, 2017) e tem na personagem seu Ozébio o maior representante.

Elementos intertextuais, relevantes nos novos romance históricos e nos romances históricos contemporâneos de mediação, também estão presentes em muitos momentos em *La guerra del fin del mundo* e *n'Ó pêndulo de Euclides*. No primeiro, podemos citar referências diretas ou indiretas a histórias medievais, a notícias de jornais da época da guerra e a toda uma construção interpretativa de abordagens presentes nos mais variados textos. O segundo não é omissivo em relação a esses elementos. Sugere uma fundamentação histórica e cultural sólida numa viagem pela Canudos atual e pela memória de suas personagens.

Diferente dos elementos apresentados até aqui, comuns em certa medida nos romances de Vargas Llosa e Fonseca, a exposição plural do contexto da Guerra de Canudos é o que mais aproxima *La guerra del fin del mundo* às narrativas consideradas novos romances históricos. Os vários mundos e suas perspectivas estão direcionados no uso da ironia e de elementos da sinfonia bakhtiniana (MENTON, 1993), como o dialogismo, a carnavalização e a paródia. A ironia se apresenta, em grande medida, nos ideais fechados e inflexíveis de personagens dispostos a matar ou a morrer sem averiguar a efemeridade da vida e a repercussão maléfica de suas ações. A cegueira toma conta da personagem Rufino quando seu objetivo não é outro senão vingar uma traição imperdoável. A mesma cegueira está presente na personagem Moreira César que precisa destruir, a qualquer preço, uma ameaça aos seus princípios irrevogáveis. Tanto um como outro, por veredas distintas, tiveram o mesmo fim: morreram lutando por convicções que os fecharam em mundos, ao invés de lhes proporcionarem novas perspectivas em suas trajetórias. Além destas e outras personagens como Galileo Gall, a própria ação do exército republicano e a configuração do arraial conselheirista, estão formuladas a partir da irônica finalidade de posicionamentos deterministas fadados a constantes revisões em que só o distanciamento histórico pode apontar os equívocos.

Já os elementos dialógicos podem ser evidenciados no constante confronto das vozes enunciativas do discurso. Elas nem sempre estão expostas num mesmo momento temporal e espacial do enredo. Entretanto, são representadas no romance sem que haja interferências redutoras do narrador onisciente. Isso reinterrompe o caráter polifônico em *La guerra del fin del mundo* na medida em que as particularidades ideológicas das partes envolvidas no evento histórico ficcionalizado não são omitidas.

O olhar para as características particulares dos diferentes participantes do conflito permite uma representação ampliada, heterogênea e, muitas vezes, carnavalizada. Sertanejos conselheiristas representados somente segundo a dicotomia desvalidos/escolhidos, aparecem no romance de Vargas Llosa nas duas vertentes: abandonados num sistema agrário próximo do feudal, uma vez aceitos e redimidos numa luta legitimada pelo discurso da personagem Antônio Conselheiro, ganham dignidade. A personagem jornalista míope, num momento trabalhando a serviço de interesses particulares, descobre sua baixa posição quando se encontra entre os sertanejos em plena guerra.

Esses são alguns exemplos de como os papéis sofrem inversões em *La guerra del fin del mundo*, particularidades da carnavalização em que o baixo é visto como alto e o alto como baixo, sugerindo, assim, a dessacralização de valores e representações estereotipados.

As possibilidades interpretativas em relação aos motivos desencadeadores da guerra ainda permanecem, talvez por serem muitos e, ao mesmo tempo, todos eles válidos. Para além de explicações pontuais, Vargas Llosa parece estar interessado em delinear as características históricas e psicológicas dos envolvidos na Guerra de Canudos por meio de situações e personagens fundamentadas historicamente ou construídas sob estratégias ficcionais. Lagos e Zisman – ressaltados o caráter de louvação dos textos apresentativos – escrevem o seguinte na contracapa de *La guerra del fin del mundo* (1981): “[...] Parábola moral y política sobre la condición humana [...], no es solo el gran libro de Mario Vargas Llosa, sino también un libro fundamental en la historia literaria del siglo XX.” Este romance pode ser lido também como um manual de latino americanismo, na medida em que representa as tragédias dos países do continente que, segundo Vargas Llosa, “[...] em diferentes momentos da nossa história, se viram divididos e lançados em guerras civis, repressões maciças ou mesmo matanças, como a de Canudos, por cegueiras recíprocas parecidas” (SETTI, 1986, p. 45). Muitos aspectos desta cegueira recíproca estão delineados nos eventos e nas vozes das personagens em *La guerra del fin del mundo*. Nas suas múltiplas perspectivas de uma narrativa polifônica, metonímia de um continente marcado historicamente por conflitos que ultrapassam os limites das guerras.

N’O pêndulo de Euclides, notamos uma realidade a ser conhecida e contemplada numa troca de aprendizagens traduzidas em alternativas aos discursos acadêmicos e artísticos desenvolvidos por mais de um século. Lacunas da história são preenchidas – como na explicação sobre o momento da reviravolta conceitual em *Euclides da Cunha* – a partir de elementos que só a ficção pode dar conta. Entretanto, este romance não visa um questionamento histórico do que já se estabeleceu em anos de pesquisas e de pontos de vista sobre a Guerra de Canudos. Nele, busca-se acrescentar olhares sobre o passado e o presente numa urdidura ficcional em que a história funciona como ponto de partida para que as vozes do sertão também manifestem suas leituras.

As características dessa narrativa, publicada já no final da primeira década do século XXI, contemplam, sob muitos aspectos, a modalidade romanesca definida por Fleck (2017) como romance histórico contemporâneo de mediação. Ela é mais acessível ao leitor comum, sem exageros experimentais que caracterizam o modelo de romance histórico das décadas de 1980 e 1990, especialmente as produzidas no contexto latino-americano.

Essas narrativas menos experimentalistas tornam-se bastante recorrentes desde a última década do século XX até a atualidade. Sua evidência deve-se, em grande medida, à necessidade de reaproximação do leitor a um romance histórico que não fosse carregado de complexidades temáticas e formais como as desenvolvidas em muitos dos novos romances históricos, os quais formam parte das manifestações literárias presentes no chamado boom latino-americano. Eles estabeleceram uma crítica à leitura passiva dos pressupostos históricos “oficiais” ou “inquestionáveis”. Esses novos direcionamentos não são desconsiderados na escrita de romances como *O pêndulo de Euclides* que, todavia, também sugerem uma mediação com a modalidade tradicional de romances históricos, quando representam personagens e eventos de maneira próxima às suas configurações historicamente conhecidas. Contudo, a abordagem ficcional nos romances históricos contemporâneos de mediação não deixa de oferecer leituras críticas do passado e do presente, utilizando-se de recursos como a paródia, intertextualidade e os comentários metanarrativos (FLECK, 2017).

Nesse sentido, podemos verificar aspectos paródicos no romance de Fonseca, por exemplo, se compararmos a exposição do capítulo denominado “A luta”, n’Os sertões, como “Os fogos da guerra” n’O pêndulo de Euclides. Enquanto no primeiro os eventos são narrados segundo as perspectivas teóricas e distanciadas de um narrador cujo olhar é “de fora”, no segundo deparamo-nos com a leitura e as explicações dos mesmos eventos a partir de um olhar “de dentro”, de uma personagem sertaneja conselheirista que participa da guerra e resiste até os últimos momentos.

A intertextualidade surge com destaque evidente nas referências ao clássico euclidiano e aos dizeres, registros, leituras e análises sobre a Guerra de Canudos apontados já no segundo parágrafo do romance (FONSECA, 2009, p. 13). Exemplo de comentário metanarrativo aparece na voz da personagem seu Ozébio ao repreender o narrador letrado, pedindo-lhe que não deturpe seu justo falado, que “[...] não falseie minha prosa com bonitezas de suas palavras lordes” (FONSECA, 2009, p. 44). Ao utilizar-se dessas estratégias narrativas à maneira dos romances históricos contemporâneos de mediação, O pêndulo de Euclides aparece também como um romance em que a exposição do enredo é mais linear e menos complexa. Entretanto, requer “[...] a participação ativa do leitor, pois este precisa estabelecer as relações entre os textos que o procederam e dar-se conta da proposta crítica que subjaz à produção”. (FLECK, 2008, p. 317).

N’O pêndulo de Euclides, história, literatura e memória avultam desde a primeira à última página. Conhecer um pouco sobre a Guerra de Canudos não é requisito fundamental para se compreender a narrativa canudense proposta por Aleilton Fonseca. Entretanto, é somente no estabelecimento de um diálogo entre conhecimentos prévios do leitor com os aspectos histórico-ficcionais do romance que o encontro amigável entre passado e presente, memória escrita e oral, podem ser apreendidos numa carga de significação ampla e renovadora. O pêndulo de Euclides é um exemplo de romance histórico contemporâneo de mediação que reaproxima mundos. Apresenta-se como uma narrativa que propõe o reencontro de um mesmo Brasil marcado por conflitos bélicos e pela insistente resistência de se reconhecer como culturalmente múltiplo.

A mediação pendular da personagem Euclides da Cunha, entre a tradição sertaneja e os preconceitos do litoral, é estabelecida no encontro amigável com a personagem conselheirista Ozébio. Este retroceder na história a partir da ficção é reeditado sob outras características e olhares no encontro do narrador letrado com a personagem seu Ozébio, mais de um século após a eclosão da Guerra de Canudos e a disponibilização intermediária de estudos e manifestações artísticas sobre esse tema. As memórias da guerra e dos sertões ainda vivem num contexto que já não é exatamente o mesmo do tempo de Antônio Conselheiro. Contudo, num período considerado global em que informações se espalham em segundos, o sertão nordestino apresenta distanciamento considerável em relação às sociedades e às economias, também desiguais, da região litorânea e de outras regiões do país.

Entre a história e a ficção, La guerra del fin del mundo e O pêndulo de Euclides contribuem para a (re)leitura paródica de discursos legitimadores de posicionamentos unilaterais. Referimo-nos aqui à “[...] natureza híbrida da paródia com o ‘mundo’, da mistura de impulsos conservadores e revolucionários em termos estéticos e sociais” (HUTCHEON, 1985, p. 146). Esses romances oferecem possibilidades de discussões sobre a Guerra de Canudos, no sentido de uma “[...] tensão entre elementos díspares [que] gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em uma outra cultura” (BERND, 1998, p. 18).

O não limitar-se a interpretações polarizadas de um evento em que culturas se enfrentam por ideias que não permitem o convívio criador (USLAR PIETRI, 1990) entre

elas, proporcionam leituras não simplesmente sobre o que foi a Guerra de Canudos, mas sobre o que poderia ter sido o sertão, o Brasil e mesmo a América Latina caso a ignorância, os interesses unilaterais e a ausência de diálogo pacífico não houvesse predominado em séculos de história.

Entretanto, podemos reafirmar que as leituras a partir da Guerra de Canudos, presentes nos romances *La guerra del fin del mundo* e *O pêndulo de Euclides*, sugerem dois estágios distintos se comparados com a surpresa do primeiro contato entre dois Brasis, representada na escrita monumental d'Os sertões. O romance de Vargas Llosa representa a releitura de um evento em que as características e os discursos de uma gama considerável de personagens ajudam para que uma história recontada funcione como espelho de um contexto maior: os conflitos históricos da América Latina. O livro que a personagem jornalista míope – que compreendeu os vários mundos presentes no conflito – pretendia escrever pode ser considerado, de certa maneira, como a própria narrativa polifônica de *La guerra del fin del mundo*.

Já o romance de Aleilton Fonseca, ao proporcionar um diálogo histórico-ficcional, inserindo elementos representativos da atualidade de Canudos, desenvolve uma discussão e propõe olhares que ultrapassam o simples interesse intelectual para a história da guerra e do sertão.

Este está vivo e pulsa com suas particularidades culturais, riquezas e dificuldades econômicas e sociais no contexto brasileiro. O pêndulo da personagem Euclides da Cunha ressurge num encontro atual e amigável de personagens e culturas representantes da heterogeneidade híbrida brasileira e, por extensão, latino-americana. O contato criador e necessário para o contínuo redimensionar das civilizações, está exemplificado nas diferentes contribuições possibilitadas pelas trocas amigáveis de experiências enfocadas na narrativa híbrida atual.

Os três amigos, estudiosos de um tema pouco divulgado num contexto geral, levam aos sertanejos um vocabulário característico dos grandes centros urbanos, modos de se vestir e de se comportar nem sempre recorrente nas pequenas cidades do interior. Já as pessoas do lugar visitado, representadas por personagens como Estêvo de Madá, dona Elza e seu Ozébio, apresentam também suas particularidades culturais, logo apreendidas pelos forasteiros, por exemplo, traduzidas na receptividade simpática de uma gente disposta a mostrar as qualidades do lugar e compartilhar suas histórias.

Essas duas vias culturais deixam de caminhar paralelamente, para se encontrar num lugar comum e compartilhar vivências, sem deixar de lado suas raízes mais profundas. O resultado desses encontros, desvencilhados de preconceitos irrevogáveis, está na expansão de conhecimentos dos dois grupos os quais ampliam, consideravelmente, seus leques de informações e suas possibilidades de aceitação, assimilação e interpretação das diferentes expressões culturais. Esses aspectos, necessários para o desenvolvimento de toda comunidade humana, não tiveram, lamentavelmente, chance de se desenvolverem entre as partes envolvidas nos confrontos entre o exército republicano e conselheiristas no final do século XIX.

Passados mais de 120 anos desde o término da Guerra de Canudos, uma série de romances foram publicados no intuito de reeditar diferentes interpretações da história de um conflito emblemático. Entre eles, consideramos *La guerra del fin del mundo* e *O pêndulo de Euclides* como decisivos por contribuírem, de maneira profunda, para leituras que vão além da guerra. Mais do que direcionar posicionamentos histórico-ficcionais sobre possíveis responsáveis, oferecem alternativas para se conhecer e reavaliar as contradições do passado e do presente, conquistando, assim, destaque privilegiado entre as narrativas canudenses.

Referências

- AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. In. *Plural*. 240. p. 82-85. México, 1991.
- ALBUQUERQUE, Adenilson B.; FLECK, Gilmei F. *Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca* (2009). Curitiba: Editora CRV, 2015.
- ARINOS, Afonso. *Os jagunços*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.
- BARRETO, Egmídio Dantas. *Accidentes da guerra: operações de Canudos*. Rio Grande do Sul: Ed. Liv. Rio-Grandense, 1905.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BEEBEE, Thomas. The Canudos perplex: three early “factions”. In. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. v. 10. 2007.
- BENICIO, Manoel. *O rei dos jagunços*. Ed. fac-sim. Brasília: Senado Federal, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERBEL, João. *O pacificador*. São Paulo: Farol das Três Colinas, 2004.
- BERND, Zilá (org). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- BIAR, Marcelo. *Antônio Conselheiro – nem santo nem pecador*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2009.
- BORGES, Tarcísio. *A guerra da intriga (ou de Canudos)*. Guaratinguetá: Penalux, 2013.
- CHIAVENATO, Júlio José. *As meninas do Belo Monte*. São Paulo: Scritta, 1993.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- CUNHA, Euclides da. “A nossa Venda”, texto publicado no jornal O Estado de São Paulo em duas partes: a primeira data de 14 de março e a segunda de 17 de julho de 1897. Disponível em euclidesdacunha.org.br. Acesso em 07/07/2011.
- CUNNINGHAME GRAHAM, R. B. *Un místico brasileño*. Trad. Eleonora Basso. Montevideo: La Banda Oriental, 2001.
- DANTAS, Paulo. *Capitão Jagunço*. São Paulo: IBRASA, 1987.
- DOCHANASHVILI, Guram. *A primeira veste*. 1975. (Dados bibliográficos não encontrados traduzidos do russo).
- FLECK, Gilmei F. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. Tese. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, SP, 2008.
- FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- FONTES, Oleone Coelho. *Canudos: a quinta expedição*. Salvador: Ponto e vírgula, 2002.
- GUTIÉRREZ, Angela M. R. *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*. Fortaleza: Edições UFC, 2006.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Trad. Teresa L. Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LOPES, Moacir C. *A ressurreição de Antônio Conselheiro e a de seus 12 apóstolos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.
- LORENZ, Günter W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Trad. Rosemary Abílio e Fredy Rodrigues. São Paulo, E.P.U., 1973.
- MÁRAI, Sándor. *Verdicto em Canudos*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARCONDES, Ayrton. *Canudos – As memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano*. São Paulo: Best Seller, 1997.
- MARINS, Francisco. *A Aldeia Sagrada*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- MARTINS, Gilberto. *Cidadela de Deus – a saga de Canudos*. São Paulo: Moderna, 1996.
- MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Aleilton Fonseca: O engenho do faz-de-conta como aprendizagem da vida. In. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n. 49, dez. 2010 – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2010.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- PEIXOTO, Nelson B. O olhar do estrangeiro. In. NOVAES, Adauto [et al]. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PROFETA, Oswaldo. *Canudos: libelo de um massacre*. São Paulo: Presbiteriana, 1990.
- RIBEIRO, Carlos Jesus. *Á luz das narrativas: escritos sobre obras e autores / Carlos Jesus Ribeiro*. - Salvador: EDUFBA, 2009.
- SANTIAGO, Silviano. *Meditação sobre o ofício de criar*. Aletria. v. 18. jul.-dez. 2008.
- SANTOS, João Felício. *João Abade*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- SANTOS, Rita A. Coelho. O conto de Aleilton Fonseca: a permanência do narrador. (Posfácio). In. FONSECA, Aleilton. *O desterro dos mortos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- SCLIAR, Moacyr. *O sertão vai virar mar*. São Paulo: Ática, 2002.
- SETTI, Ricardo. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SILVA, José Erenilson da. *Canudos além d'Os sertões*. Olindina: Editora Própria, 2004.
- TELES, Gilberto M. *Contramargem – II: estudos de Literatura*. Goiânia: Editora da UCG, 2009.
- USLAR PIETRI, Arturo. *El mestizaje y el nuevo mundo*. In. Cuarenta ensayos. Caracas: Monte Ávila, 1990.
- VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981.
- VARGAS LLOSA, Mario. *La verdad de las mentiras*. España: Punto de Lectura, 2007.
- VEIGA, José J. *A casca da serpente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.